



MEIO AMBIENTE E PROBLEMAS SOCIAIS: IMPACTOS SÓCIO-AMBIENTAL

Valdivan Leonardo dos Santos¹

Sergio Munis ²

RESUMO

Este artigo visa pontuar alguns impactos sócio-ambientais, causas e consequências que mostram a importância de ações e práticas humanitárias para melhor interação e aproveitamento de recursos pelas sociedades. Os maus cuidados e o crescimento desenfreado e mal planejado dos espaços urbanos impactam os recursos agrícolas, hídricos e a saúde das sociedades. O processo de globalização coopera para que as consequências sejam sentidas por mais sociedades, as doenças podem estar em todos os lugares, obrigando a troca de conhecimentos e cuidados evitando assim maiores desastres. O reconhecimento e a tomada de consciência desses problemas é essencial para que Estado e população se unam sob a premissa de arrumar formas mais harmônicas de convivência com a natureza.

Palavras-chave: Meio ambiente; Impactos sócio-ambientais; Globalização

ABSTRAT

This article aims to point out some socio-environmental impacts, causes and consequences that show the importance of humanitarian actions and practices for better interaction and use of resources by societies. Poor care and the unbridled and poorly planned growth of urban spaces impact agricultural and water resources and the health of societies. The globalization process cooperates so that the consequences are felt by more societies, diseases can be everywhere, forcing the exchange of knowledge and care, thus avoiding greater disasters. The recognition and awareness of these problems is essential for the State and the population to come together under the premise of finding more harmonious ways of living with nature.

Keywords: Environment; Socio-environmental impacts; globalization

¹ Especialista em Engenharia Ambiental e Doutor em Fundações, ² Engenheiro Agrônomo e Mestre e Professor da Faculdade Metodista Conexional.



Introdução

Não entendemos mais o meio ambiente como significado de natureza, mas sim como lugar de pertencimento. Os seres humanos, assim como todo ser vivo, em contato com esse vínculo natural, geográfico e biológico, cria e estabelece identidades culturais, se aproveitando dos recursos possíveis a sua sobrevivência.

O crescimento da população mundial, a globalização, as guerras e outros tipos de incidência, impactam fortemente o “meio ambiente”, seja em estado rural ou urbano, ecológico ou social, as pessoas tem suas necessidades e procuram essa interação com o ambiente em que se encontra.

A Biodiversidade é um fator particularmente valioso que, todavia, possui valor econômico evidente. Mas todo espaço tem seus limites, a capacidade de carga é um conceito ecológico refere-se a um total máximo de indivíduos de uma determinada espécie que podem viver em uma área sem causar danos ambientais. Na prática, a capacidade de carga para qualquer espécie depende da quantidade de recursos que utiliza e da quantidade de resíduos que gera, em relação às capacidades naturais da região. Quando as populações de organismos exceder a capacidade de carga de uma região, geralmente há uma crise ambiental.

Os impacto sobre o meio ambiente recaem diretamente sobre a saúde humana, ecossistemas naturais e estruturas sociais. O ponto aqui é que o ambiente não é simplesmente plantas e animais, nem destruição do meio ambiente e só será visto academicamente como perda de biodiversidade ou degradação.



Crescimento Populacional

Zulauf (2000) faz uma série de questionamentos baseados nas especulações a partir das taxas de crescimento da população mundial. De acordo com suas estimativas, no começo do século XXI calculando o planeta com cinco e meio bilhões de habitantes. Seriam as dúvidas:

“Quando saberemos o número da assíntota da estabilização? Como será a componente social das políticas públicas daqui a três décadas? É lícito especular e concluir que a degradação ambiental só não é maior porque mais da metade da população do mundo vive à margem da sociedade de consumo? Haverá determinação de, mesmo sob a justificativa da necessidade de ampliar o número de consumidores, promover-se fortemente a ampliação da população com acesso a bens de consumo? Isto será elevar a qualidade de vida? Qual o tamanho do impacto ambiental decorrente da ampliação de cada fração de 10% de novos consumidores em nível mundial? Os recursos naturais são ou não inesgotáveis? Até a metade do século XXI os oceanos terão subido um metro, inundando milhares de cidades portuárias e turísticas, além de férteis deltas de rios em todo o mundo, por causa do “efeito estufa”? Em que medida a reciclagem economizará recursos naturais não renováveis para as gerações futuras? O automóvel manterá seu fascínio e sua hegemonia como meio de transporte e símbolo de *status* ? Continuará impondo investimentos maciços em vias de transporte em detrimento de outras demandas da sociedade?” (ZULAUF, 2000 p. 85)

Nesse processo, se imaginarmos os movimentos de "migração" com populações desenraizadas de suas casas para escapar da falta de recursos, violência, opressão e oportunidades, é uma das tristes realidades do mundo moderno. Com isso advem uma grande população semi-permanente de pessoas deslocadas que vivem em condições desestruturadas, a níveis intoleráveis sob a sombra da doença, pobreza e morte.

Os problemas ambientais enfrentados são, até certo ponto, um microcosmo da situação global. Como o ambiente, as soluções precisam ter soluções técnicas e componentes humanos capazes de entender sua interação com o meio ambiente. Enquanto é evidente que medidas como a



reciclagem, prevenção de erosão, e da agricultura de árvores pode diminuir os impactos dos refugiados, soluções a longo prazo exigirá esforços integrais que levem em conta tanto as necessidades humanas e a capacidade de carga do ecossistema.

A partir desta perspectiva os estresses ambientais enfrentados pelas nações com sistemas políticos instáveis, que não conseguem regularizar medidas ambientais sustentáveis, precisam aprender formas inovadoras de fazer melhor uso dos recursos, seja por meio de manejo florestal sustentável, conservação da água ou uma série de outras técnicas operacionais na proteção do ambiente, que proporcione o crescimento e a interação do progresso urbano elevando os níveis de bem estar e vida das populações.

No Brasil, é histórico o risco e a destruição perpetuada pela urbanização e pelo latifundiário. Segundo Vargas e Oliveira (2007):

“Assim como a exploração dos recursos naturais, o desmatamento e a queima de madeira, o modelo de desenvolvimento adotado no Brasil também provocou aumento na queima de combustíveis fósseis, na poluição da atmosfera com gases tóxicos e na contaminação dos rios e mares por produtos químicos, entre outros.” (VARGAS e OLIVEIRA, 2007, p. 453)

Isso confirma que no país não há uma cultura de preservação condizente, e nem ao menos eficiente em propor algum tipo de política pública que equilibre o crescimento urbano e uso abusivo dos recursos que por aqui são abundantes. O número de problemas urbanos e mortes por doenças transmitidas por falta de cuidados com o saneamento público, ainda ve a sobrecarga de eliminação de resíduos, o grande fluxo de pessoas em áreas urbanas apresentarem uma logística mal planejada. Em defesa da saúde e da boa interação com o ambiente, Vargas e Oliveira concluem que:

“O meio ambiente é uma produção social que pode influenciar a saúde humana positiva ou negativamente, de maneira individual ou coletiva, direta ou indiretamente, o que torna a relação entre saúde e meio



ambiente uma complexa relação entre Estado, natureza e sociedade.”
(VARGAS e OLIVEIRA, 2007, p. 454)

Rattner (2009) vem ponderar sobre os riscos e efeitos do desemprego e outras problemáticas sociais incidindo sobre a saúde e sobre o ambiente da sociedade. Até recentemente, os serviços dos ecossistemas eram considerados inesgotáveis e indestrutíveis porque não tinha custos, sem aparente valor. Apenas como viemos a compreender melhor a sua importância e entender o impacto que tem sobre eles, faz seu valor tornar-se evidente. Estes serviços não são apenas essenciais para a sobrevivência, são essenciais para as funções econômicas e tecnológicas que fundamentam a civilização moderna. O autor coloca que:

“Caberia ao Estado zelar pela “internalização” dos custos sociais e das deseconomias das metrópoles, penalizando seus responsáveis. Entretanto, a estrutura do sistema político não toca nos privilégios das elites, enquanto ignora as necessidades das populações desamparadas. De pouco adiantará o crescimento econômico se for em setores que consomem matéria-prima e fontes energéticas não renováveis, que poluem o meio ambiente e deixam resíduos tóxicos de difícil e custoso tratamento. A indagação sobre “como romper o círculo vicioso” nos leva à dimensão política, pouco explorada, dos processos de transformação. (RATTNER, 2009, p. 1971)

Ao olhar para os efeitos da ação urbana sobre o meio ambiente, é importante reconhecer que as questões sanitárias recebem atenção especial nas políticas públicas, mas os investimentos ainda assim costumam ser insuficientes para a resolução do problema.

Outra problemática a ser discutida é como ampliar a produção de alimentos sem expor a riscos degradantes os ecossistemas locais? Para as populações, porém, o fornecimento e o consumo de alimentos agora parece mais enredados em outros tipos de práticas de relações-sociais e culturais, usos da tecnologia, as funções dos sistemas econômicos. Esquecendo que a produção humana de alimento é um reflexo de um conjunto maior de serviços do ecossistema, embora o sistema agrícola tem desenvolvido para lidar com os



tamanhos das populações que antes eram desconhecidos, há também a preocupação de que a configuração do aumento da população atual irá colocar demandas desproporcionais no sector agrícola. Em parte, isso ocorre porque a maioria do crescimento populacional nova está ocorrendo nas cidades, e estas cidades são na sua maioria em nações com economias em desenvolvimento e não industrializados.

Segundo Ferreira (2000), “Problemas ambientais, hoje, são nossos problemas socioambientais”. A urbanização crescente decorrido também do aumento da população leva os estudos e pesquisas a não mais poder dissociar o meio ambiente do meio social, já que ambos tem influência direta e contundente um sobre o outro. A autora defende que para eliminarmos ou ao menos diminuirmos as problemáticas deve-se adotar sistemas de desenvolvimento sustentável, onde vários aspectos como a conservação do capital humano e físico, geração de condições ambientais para a composição do bem-estar, levar em conta a adaptabilidade a flexibilidade e escassez dos recursos, evitar prejuízos a gerações futuras e a sustentabilidade fiscal, administrativa e política, e ainda habilitar os cidadãos dos países em desenvolvimento para a condução de projetos.

Uso da água pela agricultura também pode afetar a qualidade do solo. Com o uso da irrigação em áreas mal drenadas, resíduos podem ser encontrados em água doce, podem estão concentrados no solo como a água evapora irrigação. Mediante essas questões, Pizella e Souza (2007) propõe, uma análise dos sistemas de gestão da qualidade hídrica dos países de referência a ponto de identificar o que seriam as novas tendências de gestão, que se relacionam aos objetivos de seu trabalho, que é apresentar “critérios de qualidade e sistemas de classificação dos corpos de água doce superficiais.”

Algo notado em que a agricultura depende é o equilíbrio natural de pragas e predadores, por vezes referido como controle natural de pragas.



Embora o uso de pesticidas químicos tem sido um componente crítico de uma agricultura moderna e de alto rendimento, tem sido reconhecido que seu uso excessivo e incorreto pode causar perturbações ecológicas.

Belinger (1999), atentando para todo esse processo de urbanização, interação das novas tecnologias utilizadas na agricultura, recursos hídricos e a proveniente globalização, faz significativos apontamentos dos efeitos causados na saúde dos seres humanos, onde as doenças de ordem microbiana se espalham com mais facilidade, provocando a necessidade de um combate em escala mundial. O autor apresenta 4 fundamentos que seriam propícios para determinar menores impactos das doenças sobre a humanidade que afetassem diretamente o sistema socioambiental, que são: reequilibrar poderes e metas, solidariedade e conveniência, criação de sistemas de previdência e bem-estar e um governo global dirigido a saúde.

Conclusão

Com nações e grupos tornando-se conscientes das ameaças ao ecossistema global, tem havido uma crescente chamada para proteger a sustentabilidade dos sistemas humanos e naturais. São criadas ferramentas que fornecem padrões mensuráveis para avaliar o estado atual dos impactos humanos sobre o ecossistema global e avaliam o progresso desses impactos.

Mas o princípio básico para a melhor interação humano e meio ambiente é a conscientização dos fatores de crescimento populacional e taxas de consumo que exigem mudanças a longo prazo nos hábitos sociais e comportamentais. A melhoria da eficiência da produtividade e do consumo, deve enparelhar-se às inovações tecnológicas como a iluminação eficiente, reciclagem de resíduos industriais e de automóveis híbridos, para terem efeitos significativos quando traduzido para o tamanho de uma população. Podem



parecer soluções imediatistas e não resolutivas, mas ganha tempo para que as sociedades façam acordos e decidam melhores formas de gerirem as suas necessidades sócio-ambientais.

REFERÊNCIAS

BERLINGUER, Giovanni. Globalização e saúde global. , **Estud. av.**, 1999, vol.13, no.35, ISSN 0103-40141.

FERREIRA, Yoshiya Nakagawara. Metrópole sustentável?: não é uma questão urbana. **São Paulo Perspec.**, Out 2000, vol.14, no.4, p.139-144.

OLIVEIRA, Thaís Fonseca Veloso; VARGAS, Liliana Angel. Saúde, meio ambiente e risco ambiental: um desafio para a crítica profissional do enfermeiro. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):451-5.

PIZELLA, Denise Gallo; SOUZA, Marcelo Pereira de. Análise da sustentabilidade ambiental do sistema de classificação das águas doces superficiais brasileiras. **Eng. Sanit. Ambient.**, Jun 2007, vol.12, no.2, p.139-148.

RATTNER, Henrique. Meio ambiente, saúde e desenvolvimento sustentável. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(6):1965-1971, 2009.

ZULAUF, Werner E. O meio ambiente e o futuro. **Estudos Avançados**, n.14, v.39, 2000.